

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS
PÚBLICAS E GESTÃO EDUCACIONAL
MESTRADO PROFISSIONAL EM POLÍTICAS PÚBLICAS E
GESTÃO EDUCACIONAL (CÓDIGO 1125)**

**MESTRANDA: Marilei Almeida de Oliveira
ORIENTADOR: Prof. Dr. Celso Ilgo Henz**

**UM CONVITE À SMED: A contação de histórias como possibilidade
auto(trans)formativa para/com professoras e professores de
educação infantil**

Santa Maria, RS, Brasil

2023

APRESENTAÇÃO

A presente indicação de Projeto consiste em apresentar alternativas e alguns caminhos que compreendemos possíveis para o acolhimento de professoras e professores da rede municipal de Santa Maria/RS.

Sua construção se deu a partir dos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos, desenvolvidos durante a pesquisa de mestrado profissional intitulada **A contação de histórias como possibilidade auto(trans)formativa com professoras**, de autoria da professora Marilei Almeida de Oliveira, com orientação do professor Dr. Celso Ilgo Henz, pela Universidade Federal de Santa Maria/RS.

Tivemos como objetivo principal a compreensão de como a contação de histórias pode se construir e efetivar em uma abordagem auto(trans)formativa que contribua/acolha professoras fragilizadas mental e emocionalmente, na rede municipal de Santa Maria/RS. A pesquisa, adotou a proposta político-epistemológica dos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos (HENZ, 2015), como possibilidade de cada participante assumir o *dizer a sua palavra*, instaurando-se como processo de auto(trans)formação permanente com as professoras participantes.

A pesquisa teve cinco encontros presenciais com professoras da educação infantil da região oeste de Santa Maria/RS; além de diálogos, compartilhamento de momentos formativos e a organização de questionário com questões pontuais levantadas nos Círculos. A partir dos estudos realizados individualmente, e também compartilhados com as professoras, compreendemos, conhecemos e reconhecemos que a gestão democrática e a auto(trans)formação permanente com professoras são caminhos viáveis e de fortalecimento da caminhada pessoal e profissional, capazes de propiciar que cada docente assuma seu compromisso pedagógico e político, como profissionais, humanos e participantes da construção de uma sociedade democrática e justa.

Assim, por meio da conscientização propiciada pelos espaços-tempos dialógico-reflexivos, identificamos pontos em comum ao adoecimento/esgotamento emocional e mental das professoras; nessa processualidade delimitamos pontos relacionados ao acolhimento à essas professoras, e, diante desse cenário,

conjuntamente, buscamos compreender como a contação de histórias se constitui como uma possibilidade de amenizar esses índices, através de processos dialógico-reflexivos auto(trans)formativos. Além do mais, sentimo-nos desafiadas ao compromisso com o protagonismo na luta por uma educação de qualidade social e humana, com práxis *dialogadas e participadas*, a serviço do acolhimento, libertação e humanização também das profissionais professoras.

Por tanto, a sistematização deste documento consiste em apresentar a contação de histórias dentro dos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos como uma possibilidade auto(trans)formativa permanente de professoras da educação infantil da rede municipal de Santa Maria/RS, no sentido de criar com as professoras de educação infantil do município, nesse momento em que constatamos índices preocupantes de stress e depressão, adoecimentos e licenças-saúde, um espaço-tempo de escuta e diálogos-reflexivos que as acolham, dando ênfase a prevenção de fragilidades emocionais e mentais dessas profissionais.

Tema: Criar processos Auto(trans)formativos permanentes e acolhedores para/com as/os professoras/res de educação infantil da rede municipal de Santa Maria/RS.

Justificativa:

Considerando os constructos epistemológicos da pesquisa de mestrado profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional, intitulada “A contação de histórias como possibilidade auto(trans)formativa com professoras”, da professora Marilei Almeida de Oliveira: os desafios encontrados pelas/os professoras da rede municipal de Santa Maria/RS; os afastamentos para tratamento de saúde relacionados com a saúde mental e emocional das/os professoras/es e a presença da contação de histórias em suas atividades docentes, a presente indicação de projeto busca provocar a Secretaria de Educação do Município de Santa Maria para a temática, além de apresentar os Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos e o uso da contação de histórias nos espaços-tempos dos mesmos como uma possibilidade de acolher as/os professoras/es fragilizadas mental e emocionalmente e até mesmo de fortalecer as/os mesmas/os e evitar quadros de fragilidade dessa natureza.

Texto:

A partir da justificativa da indicação, destacamos o viés do *Era uma vez*, pois compreendemos que vivenciar processos Auto(trans)formativos a partir desse imersão-emersão nos possibilita vivenciar as histórias como meios de resgatar as histórias de vida, de *dizer a sua/nossa palavra* (FREIRE, 2011), de encarar as realidades postas, de partir delas para refletir e reconquistar a autoconfiança. Assim também nos empoderaremos para ir além, assim irmos construindo possibilidades de mudá-las, de escrever novos capítulos e vislumbrarmos novos horizontes, com finais mais felizes a partir do que temos, redescobrimo e confiando em nossas capacidades pessoais e cooperativas.

Lacombe (2015), destaca o quanto as histórias contribuem para a “estrutura da vida emocional do ser humano [...] elas têm uma enorme relevância na vida psíquica (P. 24), com as histórias e toda simbologia que envolve as mesmas. Com elas podemos “trabalhar” nossos próprios medos, dificuldades e angústias; pois o *Era uma*

vez “não acontece no tempo presente, mas num passado indeterminado, dando [...] a segurança de se deixar levar pelo enredo” (P. 24). Nesse sentido, destacamos a propositiva humanizadora-libertadora de educação, apresentada nas obras de Freire, uma vez que, “continuo buscando, re-procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar e anunciar a novidade” (FREIRE, 2006, p.30).

A ideia de trabalhar o acolhimento auto(trans)formativo através dos Círculos com Contação de Histórias é justamente para propiciar que as/os professoras/es possam buscar, re-procurar, ensinar, indagar, conhecer, comunicar e re-dizer suas histórias pessoais e profissionais; pois,

Ai daqueles que pararem com sua capacidade de sonhar, de invejar sua coragem de anunciar e denunciar. Ai daqueles que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e o agora, se atrelarem a um passado de exploração e de rotina. (FREIRE, apud BRANDÃO, 1988, p. 101).

Durante a pesquisa conhecemos e compartilhamos com pessoas que apresentam histórias similares às nossas, algumas com desesperança, magoadas pela falta de reconhecimento e condições de trabalho, indefesas pelas patologias, mas que querem continuar, que assumem a constante e permanente auto(trans)formação. Pessoas-profissionais que encaram o compromisso de ensinar-aprender para além dos conteúdos, desenvolver com os estudantes a criticidade, a sensibilidade, a reflexão, o diálogo rigoroso e amoroso, potencializando suas competências e habilidades, sempre pela prática da “escuta sensível” (HENZ, 2015). Pessoas dispostas a auto(trans)formarem-se para vivenciarem práticas mais ricas, abertas e significativas, de comunicação pedagógica inovadora, profunda, criativa, crítica e progressista-transformadora. Com satisfação, percebemos o engajamento de mais e mais pessoas que estão ou mudando ou querendo mudar nosso cenário educacional. Isso nos motiva, impulsiona-nos a cada dia mais acreditar e lutar pela transformação da nossa sociedade, consciente de que fizemos parte dessa história, dessa luta constante e dessa transformação.

Com essa percepção, de que mais pessoas estão querendo e buscando mudanças no cenário educacional, nos motivamos a ir além daquilo que nos propomos no início da pesquisa e optamos por apresentar à SMED de Santa

Maria/RS esta indicação de projeto, nos colocando igualmente a disposição para auxiliar na construção de tais processos auto(trans)formativos; capazes de acolher através de espaços-tempos de levezas e bonitezas nas instituições escolares, também para as professoras, e

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes. (FREIRE, 2000, p.33).

Por acreditar nesses *inéditos viáveis* (FREIRE, 2014) é que reconhecemos a importância de concentrarmo-nos em grupos que estão em constantes e inacabados processos de auto(trans)formação e que procuram aprender, que estão dispostos a avançar, também rever e recuar quando necessário, para experienciar maneiras mais significativas de comunicação pessoal, profissional e tecnológica.

Assim, a indicação consiste em a SMED organizar um projeto de formação permanente às professoras e professores de educação infantil do município, que possibilite espaços-tempos de diálogos com as/os professoras/es, assegurando o seu direito de expressão, de sentimento, de dores, de fala e de pertencimento, propiciando condições para cada participante “dizer a sua palavra” (FIORI, 2014).

Freire, em suas diferentes obras, enfatizou a importância da relação dialógica e humanizadora na educação, defendendo uma abordagem pedagógica que respeite e valorize a subjetividade e a individualidade de cada pessoa envolvida no processo educativo. Essa perspectiva destaca a necessidade de as/os professoras/es reconhecerem e cuidarem de sua própria saúde mental e emocional para que possam estabelecer uma conexão autêntica e solidária com os(as) estudantes, colegas e comunidade. Ressaltamos, ainda, a importância das/os professoras/es estarem atentas/os às necessidades e realidades emocionais dos alunos, criando um ambiente de confiança e acolhimento. Porém, isso implica em as/os professoras/es estarem também em um estado emocional saudável para que possam oferecer um espaço seguro e encorajador aos estudantes.

Nesse sentido, destacamos que a educação como prática de liberdade e transformação social também tem implicações na saúde mental das/os

professoras/es, pois compreendemos que a educação deve ser um processo emancipatório, que promova a conscientização crítica e a capacidade de reflexão das/os estudantes. No entanto, esse tipo de educação também demanda muito das/os professoras/es, que precisam estar engajadas/os e motivadas/os para enfrentar os desafios e resistências que surgem no caminho. Portanto, a saúde mental e emocional das/os professoras/es é fundamental para que elas/es possam desempenhar seu papel como agentes de transformação educacional e corroborar com os processos de libertação e humanização nas diferentes ambiências escolares.

Em suma, a saúde mental e emocional das/os professoras/es é um aspecto fundamental a ser considerado, pois desempenham um papel crucial na educação e no desenvolvimento das/os estudantes. Percebemos durante a pesquisa que, infelizmente, muitas professoras enfrentam desafios significativos em relação a sua saúde mental e emocional, devido a diversos fatores, como a carga de trabalho excessiva, ambiente escolar desafiador, falta de recursos e apoio, equilíbrio entre vida pessoal e profissional, entre outros. Nesse sentido, a partir da pesquisa, observamos que é fundamental que sejam implementadas medidas para promover a saúde mental e emocional das/os professoras/es e quanto a isso destacamos algumas abordagens possíveis: como o apoio institucional, o autocuidado, comunidade/rede de apoio e a sensibilização e educação.

Assim, entendemos ser urgente que se pense em ações que levem em conta a saúde mental das/os professoras/es e que visem a prevenção e/ou ainda formas de acolhimento e superação desses quadros psíquicos.

Nessa perspectiva, levando em conta que gestão é a atividade que põe em ação o sistema organizacional (LIBÂNEO, 2006), ou seja, a atividade pela qual são mobilizados meios e procedimentos para atingir os objetivos da organização, envolvendo, basicamente, os aspectos gerenciais e técnicos-administrativos, propomos à SMED a criação-organização de espaços-tempos de diálogos com as/os colegas, mobilizando processos auto(trans)formativos capazes de acolher, trazer outros olhares, escutas e possibilidades.

Para tanto, a proposta visa utilizar algo que já é natural do “fazer pedagógico” de professoras de educação infantil, como uma abordagem auto(trans)formativa que acolha as profissionais esgotadas/adoecidas mental e emocionalmente, tornando o

dia a dia das mesmas em suas escolas em algo mais prazeroso e menos dolorido, seja para as professoras, seja para as crianças. Concordamos com Bordignon (2013), quando ele afirma e defende a “gestão democrática como condição da qualidade sociocultural da educação” (BORDIGNON, 2013, p.8), sendo necessário e até urgente garantir a participação de todas as pessoas nas tomadas de decisões. Isso porque, como assegura o autor, a escola em muitos casos é o ponto de referência da comunidade. Então, “construí-la com qualidade para todos(as) significa buscar a garantia dos direitos humanos e da consolidação da democracia em nosso país” (BORDIGNON, 2013, p. 121), desafiando-nos a praticá-la desde o local e o tempo onde estamos inseridos como profissionais da educação pela criação de relações que sejam dialógico-reflexivas e despertem a todas e todos para o compromisso com uma cidadania ativa nos processos de leitura da realidade, planejamento, efetivação, acompanhamento das instâncias e atividades educativas, seja no pedagógico, seja no administrativo e, nesse caso, com processos de escuta e acolhimento.

Acreditamos que as histórias auxiliam os sujeitos a compreender suas realidades e histórias de vida; além disso, os momentos de contação de histórias podem ajudar a despertar novos sentimentos, os quais são capazes de propiciar uma melhor organização da visão de mundo de cada uma, assim como o pensamento e entendimento da realidade que as cerca, possibilitando-lhes o aprender a dizer a sua palavra. Nesse sentido, as histórias oportunizam às participantes do processo auto(trans)formativo, a oportunidade de expressarem-se e auto(trans)formarem-se como humanas e profissionais.

Diante disso, os Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos serão desenvolvidos a partir das “leituras de mundo” já realizadas, problematizando novos conhecimentos, fazendo emergir, por meio da literatura, a curiosidade para novas descobertas e (re)construções de “histórias de vida”. Yunes destaca que “a literatura é uma leitura da vida e que a fantasia, longe de alienar, ajuda a descobrir o real” (1988, p.84). Corroborando, Abramovich (1997) afirma que a contação de histórias é uma forma de descobrir outros lugares, “outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... (p 17).

No contexto da formação de professoras/es, a contação de histórias e a literatura infantil desempenham um papel duplo. Por um lado, as/os professoras/es

aprendem a utilizar essas estratégias como recursos pedagógicos eficazes, aprimorando suas habilidades de leitura em voz alta, entonação, dramatização e mediação da leitura. Aprendem a selecionar obras adequadas para cada faixa etária, considerando a diversidade cultural, os interesses e as necessidades dos/as estudantes. Por outro lado, as/os professoras/es são incentivadas a refletir sobre o poder transformador da literatura na vida das crianças, bem como, nas suas próprias vidas. Além disso, compreendem a importância de diferentes ambiências, diferentes formas de acolhimento e de escuta; aprendem a explorar os temas das histórias, relacionando-os aos conteúdos curriculares, às necessidades individuais e do grupo e principalmente, compreendem a importância de espaços-tempos dialógico-reflexivos. A partir dessas compreensões, as/os professoras/es conseguem se acolher entre si, bem como, falar de si, se autoconhecer, conhecer outras realidades, amenizar suas inseguranças, se acalmar diante dos desafios e buscar novas formas de encarar e de agir em suas realidades.

Para tanto, a contação de histórias como abordagem auto(trans)formativa é compreendida por nós como uma teoria que se alinha à perspectiva freireana, destacando o diálogo, a reflexão crítica e a ação transformadora. A partir da reflexão e das construções epistemológicas auto(trans)formativas com as coautoras da pesquisa, pensar a auto(trans)formação através das histórias (democrática e dialógico-reflexiva), é um desafio, uma vez que compreendemos, como uma de suas propostas, a contribuição para implementação das mudanças pessoais, educacionais e sociais. “E é exatamente este imperativo que exige a eticidade do educador e sua necessária militância democrática a lhe exigir a vigilância permanente no sentido da coerência entre o discurso e a prática” (FREIRE, 1987, p. 39). Assim, ao assumir a conceitualização da auto(trans)formação, reforçamos a necessidade da conscientização como compromisso em considerar os contextos, as opiniões e as realidades de todas e todos as/os sujeitos envolvidos(as); e, a partir disso, refletir e construir dialógica e cooperativamente possibilidades, reconhecendo que “não podendo tudo, a prática educativa pode alguma coisa” (Ibid, p. 96).

Nessa proposta, a contação de histórias se insere nos Círculos Dialógicos Investigativo-Auto(trans)formativos, visando a cooperação e construção coletiva desta conscientização e acolhimento, sempre pelo diálogo reflexivo, com rigorosidade

e amorosidade. Entendemos que ao propor esta indicação precisamos contextualizar os Círculos; Henz (2015, p. 20-21) destaca que:

Trabalhar com os círculos dialógicos investigativo-formativos, como pesquisa e auto(trans)formação, possibilita reconhecer cada homem e cada mulher na sua singularidade e na sua capacidade de construir conhecimentos que ajudem no desvelamento da condição de condicionados; mas, porque condicionados e não determinados, no seu inacabamento está a possibilidade de um sentir-pensar-agir para transformar a si mesmo e a realidade vigente, sempre pelo diálogo e intersubjetividade de uns com os outros. Sob esse prisma, todos os participantes da pesquisa são reconhecidos como coautores, muito embora haja um pesquisador coordenador mediando os diálogos investigativo-formativos. (HENZ, 2015, p. 20-21).

Desse modo, a construção dos processos Auto(trans)formativos indicado aqui, organiza-se através da escuta das palavras ditas pelas professoras, bem como, pelos *não-ditos*, mas sentidos e percebidos. Constituem-se como espaços-tempos de encontros permeados pelo diálogo-problematizador, propiciando reflexão e colaboração entre as/os sujeitos envolvidas/os.

Corroboramos Josso (2010), que ao propor a reflexão da formação do ponto de vista do aprendente em interação com outras subjetividades, destaca que o “caminhar para si” também traz consigo a dimensão do caminhar com a/o outra/o. Também Henz (2015, p.20), o qual enfatiza que os Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos “são processos intersubjetivos e dialógicos pelos quais cada um vai se auto(trans)formando enquanto pessoa e enquanto profissional”. Nesse sentido, ao lançar-se em uma busca de si, ao aprender sobre suas experiências em uma viagem que lhe é própria, a/o sujeito conquista companhias importantes ao seu caminhar através dos grupos de afinidades, já que “as histórias de vida, ao longo da existência, põem em cena peregrinações para que o autor se sinta e viva ligado a outrem” (JOSSO, 2010, p.95).

Assim, os sujeitos que participam dos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos se caracterizam como sujeitos epistemológicos e construtoras/es de conhecimento, que possuem autonomia e autoria nos processos. Henz (2015, p.19) apresenta essa nova proposta epistemológico-política, salientando:

Com muitas vozes e várias mãos, nós do grupo Dialogus chegamos à compreensão de que nossa caminhada pedagógica e epistemológico-política se configura como ‘Círculos Dialógicos Investigativo-formativos’. Reconhecendo o nosso inacabamento, até o momento assumimos algumas

premissas: confiança em cada pessoa como capaz de construir conhecimento; o diálogo como construção cooperativa de conhecimentos e auto(trans)formações; valorização dos saberes da *experiência feita* (FREIRE, 2011) de cada participante; onde todos são interlocutores/coautores da pesquisa; e, 'leitura do mundo' e 'leitura da palavra' permanentemente se (re)significando.

Acreditamos que metodologicamente, ou como preferimos “proposta político-epistemológica”, como meio, os Círculos "permitem intervenções no contexto sócio-histórico-cultural" (HENZ, 2015) e contribuem com possíveis mudanças em nossas práxis educativas.

Cabe ressaltarmos que os Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos têm sua inspiração nos círculos de cultura do educador Paulo Freire, os quais se constituíam em espaços de entendimento do ser humano como um ser que transforma a realidade pelo papel ativo que desempenha nela e com ela. No círculo todas e todos se olham e se veem, ensinam e aprendem, é, portanto, um espaço de aprendizagem e de trocas de conhecimentos e experiências. O ponto de partida nunca é neutro, segue uma intencionalidade e rigorosidade em seu processo, propiciando não apenas a emergência da transformação, mas os processos de conhecimento. Para isso "o diálogo não existe num vácuo político: [...] Para alcançar os objetivos da transformação, o diálogo implica responsabilidade, direcionamento, determinação, disciplina, objetivos" (FREIRE, SHOR, 1986, p.66-67).

Nesse sentido, a construção das compreensões e das interpretações se dão pela ação-reflexão-ação que cada participante expressa no seu dizer a sua palavra nos círculos. Assim, na processualidade e na dinâmica em que os encontros acontecem, as/os participantes são desafiadas/os a processos de diálogo e reflexão, de aprendizagem e de (re)construção, o que também vai se constituindo em vivências-experiências auto(trans)formativas. Henz, Freitas e Silveira (2018) asseguram que o/a pesquisador/a-coordenador/a que utiliza os Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos é desafiada/o a

ir provocando os diálogos com os interlocutores envolvidos, com vistas a convidá-los a adentrar no movimento da dinâmica em que cada um vai se descobrindo como ser inacabado e tem, conseqüentemente, a progressiva consciência de que, como humanos, estamos em permanente processo de busca e (trans)formação. É importante destacarmos que o pesquisador ou a pesquisadora é parte integrante do processo e não mero observador, atuando como coordenador dos diálogos, porém este intervém minimamente, sempre procurando mediar para que a temática geradora da pesquisa esteja sendo problematizada. (p. 843).

Dessa forma, a/o sujeito responsável por coordenar esse processo auto(trans)formativo será permanentemente desafiada/o a manter o diálogo e a participação do grupo, para que todas e todos possam dizer a sua palavra.

Atualmente, as pesquisas e escritas do grupo de estudos Dialogus, coordenado pelo professor Dr. Celso Ilgo Henz, registrado junto à base do CNPq, apontam para oito movimentos principais na realização dos Círculos, os quais se tramam dinamicamente e dialeticamente como mosaicos de uma “mandala tibetana”, nos processos auto(trans)formativos, a saber: escuta sensível e olhar aguçado, descoberta do inacabamento, emersão e imersão das temáticas, diálogos-problematizadores, registro recreativo, distanciamento, conscientização, auto(trans)formação. Nas últimas pesquisas outro movimento vem requerendo seu reconhecimento: acolhimento/reconhecimento, um dos movimentos mais destacados na nossa pesquisa-história.

Figura 01 – Movimentos Da Dinâmica Dos Círculos Dialógicos Investigativos-Auto(Trans)Formativos



Criada pela autora, a partir da figura original encontrada em Henz; Freitas (2015, p. 78).

Sobre os movimentos, Henz destaca,

Ressaltamos a dinamicidade dialética entre todos, não sendo compreensível cada um deles ser tomado de maneira estanque e isolada, ou acontecendo numa linearidade sequencial e hierárquica. Embora haja circunstâncias em que alguns possam manifestar-se com maior evidência, todos os demais são constituidores dessa experiência de pesquisa-auto(trans)formação. (HENZ, 2023, p 37)

Compreendemos que a dinamicidade dos movimentos dos Círculos Dialógicos ocorre dentro de uma processualidade dialética de uma espiral, uma vez que eles nunca ocorrem de forma linear e de relação hierárquica. No movimento da escuta sensível e do olhar aguçado, “os pesquisadores/interlocutores podem vivenciar uma experiência concreta de compartilhamento de sentimentos, de percepções, de crenças e de opiniões, [...] na busca pela razão de ser das problematizações apontadas pelo grupo.” (HENZ; FREITAS, 2015, p. 78). Para tanto, reconhecemos os Círculos na perspectiva de que ninguém educa ou forma ninguém, mas todas e todos se educam, se formam a si no diálogo e no reconhecimento de/com outras e outros, sempre situadas(os), condicionadas(os) e desafiadas(os) a *ser mais* no seu tempo sócio-histórico-político-cultural do/no/com o mundo (FREIRE, 2003).

Na incompletude dos processos e constructos epistemológicos auto(trans)formativos assumimos também a nossa condição de inacabamento com possíveis novas utopias, compromissos e realizações. Temos a plena consciência que avançamos muito quanto à conceitualização de acolhimento, (re)escrevermos as nossas histórias, e\ou a continuação delas; mas muito ainda há para escrever. E (com)viver. Dentre os muitos, evidenciamos a auto(trans)formação permanente das professoras, a necessidade urgente de reconhecer e acolher essas profissionais em suas inteirezas; e para isso, nos colocamos a disposição da secretaria de município de educação de Santa Maria/RS para que possamos seguir (com)vivendo, escrevendo, (re)escrevendo e contando histórias, fazendo desses movimentos de contação, uma abordagem auto(trans)formativa para e com professoras e professores de educação infantil de Santa Maria.

Referências

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BORDIGNON, Genuino. **Gestão da educação no município: sistema, conselho e plano**. 2. Ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2013.

FIORI, E. M. **Aprender a dizer a sua palavra**. In P. Freire. *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Coleção O mundo, hoje, vol. 21. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação: o sonho possível**. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). *O Educador vida e morte*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. 7 ed. Coleção Questões da Nossa época, v. 23. São Paulo, Cortez: 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51º Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. SHOR, Ira. **Medo e Ousadia –O Cotidiano do Professor**. 10ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1986.

HENZ, Celso Ilgo. **Círculos dialógicos investigativo-formativos e auto(trans)formação permanente de professores**. In: *Dialogos círculos dialógicos, humanização e auto(trans)formação de professores* . São Leopoldo: Oikos,2015.

HENZ, Celso Ilgo. **Dialogus: no entrelaçar das genteidades, a construção de caminhos outros como inéditos viáveis**. In: *Pesquisa-auto(trans)formação com genteidades e com o mundo: reinvenções com Freire 100 e Dialogus 10/ Juliana Goelzer, Larissa Martins Freitas, Patrícia Signor (orgs.)*. 1 ed. – Curitiba: Appris, 2023.

HENZ, Celso Ilgo. FREITAS, Larissa Martins. **Círculos dialógicos investigativo-formativos: uma proposta epistemológica-política de pesquisa**. In: *Dialogos círculos dialógicos, humanização e auto(trans)formação de professores*. São Leopoldo: Oikos, 2015.

HENZ, Celso Ilgo. FREITAS, Larissa Martins. SILVEIRA, Melissa Noal. **Círculos dialógicos investigativo-formativos**: uma metodologia de pesquisa inspirada nos círculos de cultura freireanos. In: PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 36, n. 3, p. 835 - 850, jul./set. 2018.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. PORTO ALEGRE: ARTMED, 2010.

LACOMBE, Ana Luísa. **Quanta História numa história**: relatos das experiências de uma contadora de histórias. – 1 ed. – São Paul: É Realizações, 2015.

LIBÂNEO, José C. **Adeus Professor, Adeus Professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 9º Ed. São Paulo, Cortez, 2006.

YUNES, Eliana. **Leitura e leituras da literatura infantil**/ Eliana Yunes, Glória Pondé. São Paulo: Global, 1988.